

Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo

Carta Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa

Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo.....	1
I. NO CORAÇÃO DA CATEQUESE	2
A importância do encontro	2
A urgência do encontro	2
As oportunidades para o encontro	4
Sinais de uma catequese renovada	5
II. É CRISTO QUE VEM AO NOSSO ENCONTRO	6
Jesus Cristo ressuscitado...	6
A centralidade do querigma	10
III. LUGARES DO ENCONTRO	12
A Igreja	12
A palavra da Escritura	14
A Eucaristia	15
A vivência da caridade	17
Uma catequese comunitária	18
IV. MEDIADORES DO ENCONTRO	20
A comunidade	20
Os ministros ordenados	21
O catequista	22
A família	24
Outros mediadores	26
V. DESTINATÁRIOS DO ENCONTRO	27
Crianças da primeira infância	27
Crianças da infância	28
Adolescentes e jovens	30
Adultos	32
VI. A ALEGRIA DO ENCONTRO	33

I. NO CORAÇÃO DA CATEQUESE

A importância do encontro

1. **“No início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, um rumo decisivo”**. A afirmação é do Papa Bento XVI, que lhe deu especial relevo, ao inseri-la na introdução da sua primeira encíclica, “Deus é Amor”, o documento programático do seu pontificado. Dois anos depois repetiu-a, a nós bispos portugueses, na visita *ad limina apostolorum*, acrescentando: “A evangelização da pessoa e das comunidades depende totalmente da existência ou não deste encontro com Jesus Cristo”[1]. Encontro da parte de quem é evangelizado e de quem evangeliza.

O Papa Francisco, também na introdução da Exortação Apostólica “A Alegria do Evangelho”, de caráter igualmente programático, dirige-se a evangelizadores e é ainda mais interpelativo: “Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar no dia a dia sem cessar”[2]. E retoma o tema no capítulo final, aí a propósito dos efeitos do encontro na ação evangelizadora: “Não se pode perseverar numa evangelização cheia de ardor se não se está convencido, por experiência própria, de que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não o conhecer; não é a mesma coisa poder escutá-l’O ou ignorar a sua Palavra; não é a mesma coisa poder contemplá-l’O, adorá-l’O, descansar n’Ele ou não o poder fazer. (...) O verdadeiro missionário, que não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio do compromisso missionário. Se uma pessoa não O descobre presente no coração mesmo da entrega missionária, depressa perde o entusiasmo e deixa de estar seguro do que transmite, faltam-lhe força e paixão. E uma pessoa que não está convencida, entusiasmada, segura, enamorada, não convence ninguém”[3].

A urgência do encontro

2. Tanta insistência já é sinal de urgência – uma urgência sentida em todos os tempos, mas particularmente desde o II Concílio Ecumênico do Vaticano, passando pelos pontificados que se lhe seguiram até ao do Papa Francisco. Entre os motivos, o próprio Papa, na nossa mais recente visita *ad limina*,^[4] realçou o que mais diretamente se prende com a catequese: o “grande número de **adolescentes e jovens que abandonam a prática cristã**, depois do sacramento do Crisma”, isto é, “precisamente na idade em que lhe(s) é dado tomar as rédeas da vida nas suas mãos” e depois de um longo percurso de catequese. Que isto é preocupante, já há muito o sentíamos. Por isso, como nos pediu o Papa, temos de perguntar-nos: “A juventude deixa, porque assim o decide? Decide assim, porque não lhe interessa a oferta recebida? Não lhe interessa a oferta, porque não dá resposta às questões e interrogações que hoje a inquietam? Não será simplesmente porque, há muito, deixou de lhe servir o vestido da Primeira Comunhão, e mudou-o? É possível que a comunidade cristã insista em vestir-lho?”

Embora as perguntas incidam primariamente sobre a catequese da adolescência, não podemos restringi-las a ela. Em muitas comunidades o abandono começa já a seguir à Primeira Comunhão ou à Festa da Fé, isto é, dentro do percurso seguido entre nós, depois de apenas três ou seis anos de catequese. Aliás o próprio Papa, no mesmo discurso, dá-nos razão, ao apontar como causa, não os catecismos, nos quais, segundo pensa, está “bem apresentada a figura e a vida de Jesus”, mas sim a dificuldade em “encontrá-lo no testemunho de vida do catequista e de toda a comunidade que o envia e sustenta”. E depois situa esse testemunho no único modelo de catequese realmente apto, em qualquer fase etária, para o encontro com Cristo: “Ao catequista e a toda a comunidade é pedido para **passar do modelo escolar ao catecumenal**: não apenas conhecimentos cerebrais, mas encontro pessoal com Jesus Cristo, vivido em dinâmica vocacional segundo a qual Deus chama e o ser humano responde”.

Apesar de todos os esforços em contrário, reconhecemos que entre nós ainda é o modelo escolar que predomina, apoiado aliás por outros fatores: a redução da catequese a um encontro semanal, por vezes em apertados horários pós-escolares e a par ou mesmo em concorrência com atividades formativas ou recreativas talvez mais aliciantes; uma calendarização idêntica à da escola, com os catequizandos ausentes das maiores celebrações, como as da Páscoa e do Natal, por se realizarem em tempo de férias; a instrumentalização das celebrações ao longo do percurso catequético, incluindo a do Crisma, para segurar os catequizandos até, uma vez crismados, deixarem a Igreja como deixam a escola; a linguagem usada, predominantemente escolar – “matrículas”, “exames” “aulas”, “alunos” e a identificação destes por anos, como na escola.

3. Mas, além do abandono ou a par dele, há mais razões para a urgente adoção do modelo de catequese catecumenal. São elas, entre outras:

- “A rutura na transmissão geracional da fé cristã no povo católico” de que fala o Papa Francisco, acrescentando como consequências: “É inegável que muitos se sentem desiludidos e deixam de se identificar com a tradição católica, que cresceu o número de pais que não batizam os seus filhos nem os ensinam a rezar, e que há um certo êxodo para outras comunidades de fé”[5]. Basta olhar para a maioria das crianças que entre nós iniciam a catequese, para constatar como o Papa tem razão.
- O secularismo que penetra cada vez mais a consciência e vida das pessoas, levando-as a pensar e agir sem Deus. E isto até em muitos que ainda se dizem cristãos, mas que tomam decisões e adotam estilos de vida absolutamente adversos à fé. E quando Deus está ausente, também os fundamentos antropológicos se diluem, perdendo-se o sentido da transcendência e da dignidade da pessoa humana.
- A degradação de famílias, atingidas pelo individualismo e a dependência dos meios informáticos, que impedem o encontro e o diálogo entre os seus membros; ou de famílias vítimas de desagregação e da consequente separação entre pais e entre estes e os filhos, sobretudo em casos de divórcio.
- A globalização, a dois níveis: ao nível das redes sociais em que principalmente as gerações mais jovens são confrontadas com inúmeras informações, solicitações e propostas, entre si tão diversas e mesmo contraditórias, que só criam nas suas mentes e atitudes a confusão e o relativismo que em nada favorecem uma opção de fé em Deus esclarecida e convicta; e a nível do urbanismo, com a sua cultura propícia ao individualismo e pluralismo ético, em que cada um seleciona as ideias e os comportamentos, não segundo o critério da verdade e autenticidade, mas consoante as conveniências pessoais.

As oportunidades para o encontro

4. Estes e outros fenómenos não são, porém, apenas e em tudo negativos. São antes, como escreve o Papa Francisco, ocasiões e “motivações para um renovado impulso missionário”[6], a exemplo do que aconteceu com a Igreja em outras épocas da história bem mais adversas para ela e, sobretudo, com o próprio Cristo que da morte mais ignominiosa fez o auge da oferta da vida, aquele ato supremo de amor do qual nasceu e vive a Igreja.

E, de facto, das sombras referidas já começam a emergir, na sociedade e na Igreja, **sinais de desejo de Deus** e abertura à fé, expressões de vida nova. Eis alguns exemplos:

- Genericamente, uma crescente procura de espiritualidade, o desejo mais intenso de liberdade interior (a liberdade especificamente cristã), uma dedicação mais longa e frequente à solidariedade, uma renovada valorização da memória e dos sinais religiosos, um maior apreço pelo património moral e artístico do cristianismo.
- A nível familiar, encontramos cada vez mais famílias em que se preza e promove o convívio entre os seus membros; pais, avós e outros encarregados de educação que se preocupam em acompanhar os filhos num desenvolvimento integral e harmonioso, esforçando-se por participar e colaborar ativamente com outras instituições educativas, como a escola e a Igreja.
- Num âmbito especificamente cristão, aumenta o número de adultos e jovens que (re)descobrem a fé e se empenham na missão, ou de crianças que se deixam encantar por Jesus, não por pressão externa, como seria em regime de cristandade, mas por uma convicção de fé pessoal e livre, muitas vezes testada por um meio ambiente adverso; como aumentam também as comunidades cristãs, mormente em meios urbanos, nas quais, contra o individualismo e o anonimato, se cultiva o convívio entre os seus membros, de níveis culturais e sociais diferentes, mas unidos pela mesma fé.

Tudo isto se situa, sem dúvida, nos “inúmeros sinais da sede de Deus, do sentido último da vida, ainda que muitas vezes expressos implícita e negativamente”, de que fala Bento XVI a propósito da desertificação espiritual que se tem apoderado da sociedade atual. É aí, continua o mesmo Papa, que “existe sobretudo a necessidade de pessoas de fé que, com as suas próprias vidas indiquem o caminho para a Terra Prometida, mantendo viva a esperança”[7] – cristãos que, nas suas vidas, transmitam Cristo a tantas pessoas que O procuram, muitas talvez sem disso terem consciência.

Sinais de uma catequese renovada

5. Que esses cristãos existem entre nós, empenhados nomeadamente na catequese, mostram-no as respostas recebidas das nossas dioceses ao documento de trabalho que lhes foi enviado para reflexão e participação sinodal na elaboração desta carta pastoral. A eles se devem muitos dos sinais de renovação referidos nessas respostas:

- Uma compreensão mais integral da catequese que abrange, além do ensino, a dimensão celebrativa e orante e a prática do Evangelho;

- A renovação pedagógica que ajuda a relacionar a fé e a vida e a valorizar o lugar da liturgia, com realce para a Eucaristia, na formação cristã;
- Iniciativas diversas para, em colaboração com a catequese paroquial, envolver as famílias na formação e educação cristã dos filhos;
- Preocupação em conjugar a catequese com a vida das comunidades cristãs, suas células e movimentos eclesiais;
- Perfil renovado do catequista, com mais consciência da necessidade de formação permanente, tanto nos conhecimentos como na vivência da fé;
- Participação de muitos jovens, a par de adultos, no serviço da catequese, com os correspondentes frutos no seu crescimento cristão;
- Intensificação da dimensão missionária da catequese, no sentido de cativar ausentes, despertando nomeadamente os pais para a sua própria formação;
- Experiências reformadoras e inovadoras na catequese dos adolescentes.

São sinais de renovação que nos enchem de alegria e esperança e pelos quais damos graças ao Senhor. A Ele os devemos, à sua presença viva e ativa naqueles que com Ele se encontram e d'Ele recebem o discernimento e o entusiasmo que os fazem suas testemunhas credíveis.

Mas, confiados no mesmo Senhor, queremos ir mais além. Na sequência de outros documentos por nós publicados – a “Carta Pastoral sobre a renovação da Igreja em Portugal na fidelidade às orientações do Concílio e às exigências do nosso tempo” (1984), as “Orientações para a catequese atual” sob o título “Para que acreditem e tenham vida” (2005) e, mais recentemente, a “Nota Pastoral: Promover a renovação da pastoral da Igreja em Portugal” (2013) – queremos que a renovação passe de sinais mais ou menos incipientes e isolados e seja plenamente assumida em todas as comunidades cristãs. Move-nos, como ao Apóstolo Paulo, a firme convicção de que estamos no *tempo favorável, no dia da salvação* (2 Cor 6, 2) – para o encontro com Jesus Cristo, imprescindível para o acolhimento e o anúncio do seu Evangelho.

II. É CRISTO QUE VEM AO NOSSO ENCONTRO

Jesus Cristo ressuscitado...

6. É como ressuscitado que Ele continua a vir ao nosso encontro, nos conquista e transforma. Como fez com **as primeiras testemunhas**, as oculares. Aliás, é no testemunho delas que nos fundamentamos. Por várias razões e em diversos sentidos:

Antes de mais porque são elas a prova mais convincente de que a ressurreição de Jesus – que se processou entre Ele e Deus e, portanto, fora do espaço e do tempo acessíveis aos meios humanos de investigação científica – “é um acontecimento real, com manifestações historicamente verificadas”[8]. Há também o sepulcro vazio. Mas “a ausência do corpo de Cristo poderia explicar-se de outro modo”[9]. Ao passo que naqueles a quem Ele se manifestou deixou **sinais da sua ressurreição** na vida nova que lhes transmitiu: da mais profunda desilusão e tristeza passaram à maior alegria e entusiasmo; de um medo paralisante, ao anúncio mais corajoso; de mortífero perseguidor, no caso de Paulo, ao mais incansável evangelizador. Tudo, diz o Apóstolo, devido ao *bem supremo, que é o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor* (Fil 3, 8).

E foi assim, “como testemunhas do Ressuscitado”, que eles se tornaram “**as pedras do alicerce da sua Igreja**”[10]. Foi do seu testemunho que ela nasceu e vive, a começar pela primeira comunidade de Jerusalém, formada a partir da pregação de Pedro e modelo para as Igrejas de todos os tempos e lugares. Como nela, ainda hoje os cristãos são ou devem ser *assíduos ao ensino dos Apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações* (At 2, 42). Atividades em que o Ressuscitado vem igualmente ao nosso encontro, para d’Ele, com Ele e para Ele vivermos.

Aliás, muitas das suas aparições estão decalcadas nessas atividades. Desde logo o dia em que se deram: sobretudo *o primeiro dia da semana* (Mt 28, 1; Lc 24, 1; Jo 20, 1.19), que, por isso e ainda durante a formação do Novo Testamento, passou a ser chamado *Dia do Senhor* ou *Domingo* (Ap 1, 10), festejado com a celebração da Eucaristia (cf. At 20, 7) e a partilha de bens, própria da comunhão fraterna (cf. 1 Cor 16, 2). E foi em contexto eucarístico que Ele se manifestou aos discípulos junto do lago de Tiberíades (cf. Jo 21, 9-13); e de modo ainda mais evidente aos dois de Emaús que *o reconheceram, ao partir do pão* (Lc 24, 30.31.35); mas já antes, diziam eles, *ardia cá dentro o nosso coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras* (Lc 24, 32). Um esquema que perdura até hoje, na celebração da Missa, com a liturgia da palavra e a eucarística.

7. Mas o **Ressuscitado** que, desses e de outros modos, vem ao nosso encontro, é também o **Crucificado** – aquele que, na morte,

Deu a sua vida por nós (1 Jo 3, 16).

Morte e ressurreição de Jesus são duas partes do mesmo acontecimento, numa indissociável interdependência: não tanto e apenas porque a morte é condição natural para a ressurreição, mas sobretudo porque foi o modo como Jesus enfrentou a morte que levou Deus a ressuscitá-lo. Dito por S. Paulo: Porque Ele, depois de encarnar, *se humilhou ainda mais, obedecendo até à morte e morte de cruz, por isso Deus O exaltou e lhe deu um nome que está acima de todos os nomes* (Fil 2, 8-9).

A exaltação (como dimensão gloriosa da ressurreição) deve-se, pois, à obediência ou entrega a Deus, àquele Deus que *amou tanto o mundo que entregou o seu Filho Unigénito, para que todo o homem que acredita n'Ele não pereça, mas tenha a vida eterna* (Jo 3, 16), o Deus que *nem sequer poupou o próprio Filho, mas O entregou por todos nós* (Rom 8, 32). O próprio Jesus interpreta a sua morte como auge desse amor: *Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos* (Jo 15, 13). E por isso a sua morte já é para Ele exaltação: *Quando eu for elevado da terra atrairei todos a mim* (Jo 12, 32; cf. 3, 14; 8, 28). A elevação de que fala é, simultaneamente, a da cruz e a da glória; e a atração universal é a de um amor extremo e irresistível. Quem se não deixa atrair por alguém que dá totalmente a vida por todos nós?!

E foi assim, **como crucificado e ressuscitado, que Ele se manifestou**. Aos discípulos, fechados em casa *com medo dos judeus, apresentou-se no meio deles (...)* e *mostrou-lhes as mãos e o lado* (Jo 20, 19-20; cf. Lc 24, 39): as mãos que lhe tinham cravado na cruz; e o peito que, já morto, tinha sido trespassado pela lança do soldado e do qual *logo saiu sangue e água* (Jo 19, 34), os últimos restos de vida. Gestos que, oito dias depois, repete diante do incrédulo Tomé e perante os quais ele se rende, com a confissão de fé: *Meu Senhor e meu Deus!* (Jo 20, 28).

8. Mas há outros sinais do mesmo amor do Crucificado comunicado enquanto Ressuscitado.

Desde logo a iniciativa das aparições e a sua conseqüente gratuidade: não são os discípulos que O procuram; é Ele que vai ao seu encontro e de um modo para eles totalmente inesperado e imerecido. Assim aconteceu com os dois que, frustrados e tristes, abandonavam Jerusalém e regressavam a Emaús: foi Jesus que *se aproximou deles e se pôs com eles a caminho* (Lc 24, 15).

E a Pedro: foi Ele que lhe *apareceu* (à letra, *se deu a ver*, Lc 24, 34) – ao mesmo Simão Pedro que antes O tinha renegado três vezes e a quem, talvez por isso, exigiu uma tríplice declaração de amor,

antes de o enviar a apascentar a sua Igreja, como mediador do amor e perdão manifestado na cruz (cf. Jo 21, 15-17; 20, 23).

O caso mais extremo é o de Paulo, que, no seu dizer, foi *alcançado por Cristo Jesus* (Fil 3, 12), precisamente quando, na pessoa dos seus discípulos, perseguia a Igreja de Deus. Por isso, confessa ele, *não sou digno de ser chamado apóstolo*. E acrescenta: *Mas, pela graça de Deus, sou aquilo que sou, e a graça que Ele me deu não foi inútil. Pelo contrário, tenho trabalhado mais que todos eles; não eu, mas a graça de Deus que está comigo* (1 Cor 15, 9-10). Isto é, Paulo passou a estar possuído pela mesma graça, o mesmo amor com que Cristo o converteu e desde então nele atua, como seu apóstolo.

Outro modo de o Ressuscitado exprimir esse amor é pelo nome, identificativo da pessoa. Quem ama procura tratar pelo nome a pessoa amada. Assim aconteceu com Maria Madalena em busca do corpo de Jesus e a falar com Ele, mas pensando tratar-se do jardineiro. «*Maria!*» – diz-lhe Ele (Jo 20, 16). Só então ela O reconhece: ao sentir-se por Ele amada, com o amor que, desde a cruz, O identifica ainda mais e que Ele atualiza para com ela, chamando-a pelo nome.

O mesmo fez com Paulo, ao interpelá-lo: *Saúl, Saúl, porque me persegues?* (At 9, 4; 22, 7; 26, 14). Neste caso o amor é ainda maior: é a um inimigo, como os que O tinham crucificado. Por isso o chama pelo nome hebraico e na versão hebraica que mais assim o identifica (em grego seria “Saulo”). Como o próprio escreve, ele perseguia a Cristo por ser *fariseu* e, como tal, *extremamente zeloso das tradições dos meus pais* (Fil 3, 5; Gal 1, 14).

Temos, enfim, a fração do pão no termo da caminhada do Ressuscitado com os discípulos de Emaús, *quando Ele se pôs à mesa, tomou o pão, recitou a bênção, partiu-o e entregou-lho* (Lc 24, 30). Qualquer leitor cristão associa a estes gestos as palavras que, desde a Última Ceia até às celebrações eucarísticas atuais, os completam e lhes dão sentido: “Isto é o meu Corpo, que será entregue por vós”; “Este é o cálice do meu Sangue, o Sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos, para remissão dos pecados”. Diz o Papa Bento XVI, a propósito destas palavras de Jesus: “Ao fazer do pão o seu Corpo e do vinho o seu Sangue, Ele antecipa a morte, aceita-a no seu íntimo e transforma-a numa ação de amor. Aquilo que exteriormente é violência brutal – a crucifixão – torna-se interiormente um gesto de amor que se doa totalmente”[11].

E porque os dois se viram assim por Ele amados, por isso *nesse momento se lhes abriram os olhos e O reconheceram...* E *partiram imediatamente de regresso a Jerusalém*, para levarem aos *Onze* e aos

que estavam com eles o testemunho da experiência recebida, o feliz anúncio do Ressuscitado (Lc 24, 31.33.35).

A centralidade do querigma

9. A reação destes dois discípulos é idêntica à das restantes testemunhas. Também *Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: Vi o Senhor*. E eles a Tomé: *Vimos o Senhor* (Jo 20, 18.25). E Paulo, apenas batizado por Ananias e ainda em Damasco, *começou logo a proclamar nas sinagogas que Jesus era o Filho de Deus* (At 9, 20). De resto, no final de todos os quatro Evangelhos, Jesus despede-se dos discípulos com um mandato semelhante ao de Lc 24, 46-48: *Assim está escrito que o Messias havia de sofrer e de ressuscitar dos mortos ao terceiro dia e que havia de ser pregado em seu nome o arrependimento e o perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. Vós sois testemunhas de todas estas coisas*.

A **testemunha** tem habitualmente um conhecimento empírico, vivenciado do que fala – um conhecimento que até pode ser determinante para o seu próprio ser e agir e nele se refletir, tratando-se sobretudo de uma experiência do sagrado, como é o encontro com Jesus Cristo Senhor. Era o caso dos Apóstolos Pedro e João, depois de curarem um paralítico, *em nome de Jesus Cristo Nazareno* (At 3, 6), e a concluir, perante o Sinédrio, o anúncio da morte e ressurreição de Cristo Jesus: *E nós somos testemunhas destes factos, nós e o Espírito Santo que Deus tem concedido àqueles que lhe obedecem* (At 5, 32). O Espírito de que falam, fora-lhes infundido pelo Ressuscitado (cf. Jo 20, 22; At 2, 33); e este passou, desde então, a estar de tal modo presente neles, que os torna mediadores da sua salvação. São suas testemunhas pela ação e pela palavra. Quem os capacitou para a cura é o mesmo que anunciam pela palavra.

O mesmo diz e faz o Apóstolo Paulo ao apresentar-se como ministro *da reconciliação*, no contexto da sua conversão e vocação: O mesmo Deus, que *em Cristo reconcilia o mundo consigo*, também *por Cristo nos reconciliou consigo e nos confiou o ministério da reconciliação, (...) confiando-nos a palavra da reconciliação* – a palavra que ele transmite *como embaixador de Cristo* e com Deus a exortar por meio dele: *Nós vos pedimos em nome de Cristo: deixai-vos reconciliar com Deus* (2 Cor 5, 18-20). Transmite a reconciliação que Deus, em Cristo crucificado, fez com toda a humanidade e com o próprio, quando o mesmo Cristo lhe apareceu, capacitando-o desse modo, para ser mediador

dessa reconciliação. Encarnou assim a mensagem que passou a anunciar; e anuncia-a, encarnada na sua própria vida, no exercício do seu ministério.

10. E a isso é que ele atribui muito do **poder persuasivo**, da **eficácia da mensagem**. Por exemplo, em Corinto, onde – como ele recorda em 1 Cor 2, 2-5 – *me apresentei diante de vós, cheio de fraqueza e de temor e a tremor deveras*. Mas foi por isso que eles acreditaram: por verem, ao vivo, no estado lastimoso do Apóstolo, o Evangelho que anunciava – *Jesus Cristo crucificado* e, ao mesmo tempo, *a poderosa manifestação do Espírito*, o mesmo Espírito que levava Cristo a vencer a morte e agora leva o Apóstolo a dar-se com semelhante intensidade.

É que o amor fortalece-se, quando provado pelo sofrimento. Torna-se mais naquele amor que *tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta* e, por isso, *não acaba nunca*, escreve ele no hino à caridade da mesma carta (1 Cor 13, 7-8). E isto, a propósito da Igreja, antes apresentada como um corpo em que os membros, com diferentes funções, se completam e unem no *mesmo Espírito*, no *mesmo Senhor* (Jesus) e no *mesmo Deus* (1 Cor 12, 4-5). Por isso lhe chama *corpo de Cristo* (1 Cor 12, 27), isto é, uma comunidade em que Cristo atua e se manifesta – com o seu amor ilimitado e na comunhão eclesial que dele nasce e vive.

Que esta comunhão tinha e tem um enorme potencial evangelizador e atrativo, pode ver-se na primeira comunidade de Jerusalém: porque *todos os que haviam abraçado a fé viviam unidos e tinham tudo em comum (...), todos os dias frequentavam o templo, como se tivessem uma só alma, e partiam o pão em suas casas (...), por isso gozavam da simpatia de todo o povo, e o Senhor aumentava todos os dias o número dos que deviam salvar-se* (At 2, 44-47).

11. É neste alargado contexto querigmático que pode e deve situar-se também a catequese, na dimensão em que dela escreve o Papa Francisco:

“Uma catequese querigmática”[12].

Trata-se do **primeiro anúncio** enquanto, no seu dizer, “também na catequese tem um papel fundamental”. Por isso, continua o Papa, ele se chama «primeiro»: não no sentido de que “se situa no princípio e, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam”; mas “em

sentido qualitativo, porque é o anúncio *principal*, aquele que se tem de voltar a ouvir sempre de diferentes maneiras e aquele que se tem de voltar a anunciar sempre, de uma forma ou de outra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos”. Tem, nomeadamente, de voltar a ressoar sempre “na boca do catequista (...): «Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar»”[13].

É que, explica o Papa, “toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do querigma que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne, que nunca deixa de iluminar a tarefa catequética e permite compreender adequadamente o sentido de qualquer tema que se desenvolve na catequese. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano”[14].

12. Isto significa, antes de mais, que **a catequese** se não pode reduzir à transmissão de conteúdos doutrinários, como no modelo escolar. A transmissão **tem de fazer-se de modo vivenciado, inserida no encontro com Jesus Cristo**. De resto, todo o encontro de catequese tem de ser encontro com Ele. Porque é Ele quem, vindo ao nosso encontro, nos pode despertar para a fé, uma fé que atinja todo o nosso ser: a cabeça, o coração e as mãos, que, segundo o Papa Francisco, necessariamente se correlacionam: a cabeça para “pensar o que se sente e o que se faz”; o coração para “sentir o que se pensa e o que se faz”; e as mãos para “fazer o que se sente e se pensa”[15].

III. LUGARES DO ENCONTRO

A Igreja

13. Que a Igreja, como comunidade de crentes, é o lugar por excelência para encontrar Jesus Cristo, pode ver-se já na vocação dos seus dois primeiros discípulos, descrita em **Jo 1, 35-39**. O impulso parte de João Batista, de quem até então eram discípulos: *Vendo Jesus a passar, diz: «Eis o Cordeiro de Deus»*. E quando os dois já O seguem, Jesus pergunta-lhes: *«Que procurais?»* Resposta deles:

«Rabi (...), onde moras?» Sabendo já quem Ele é, só a morada lhes interessa. E, a convite de Jesus, foram ver onde morava e ficaram com Ele nesse dia. Com este pormenor: *Era por volta das quatro horas da tarde*. Que morada é esta? E a que se refere a hora?

A resposta chega-nos da Última Ceia, em que Jesus prepara os discípulos para o tempo posterior à sua morte, o tempo da Igreja. Contra o medo de ficarem sós, assegura-lhes que *na casa de meu Pai há muitas moradas*, nas quais lhes vai *preparar um lugar*, e promete-lhes: *então virei novamente para vos levar comigo para que onde eu estou estejais vós também* (Jo 14, 2.3). Que essa morada não é somente a celeste, vê-se pela repetição da promessa: *Quem me ama guardará a minha palavra e meu Pai o amará; nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada* (Jo 14, 23). Esta vinda dar-se-á através do Espírito Santo Paráclito (cf. Jo 14, 26), que Ele, ressuscitado, de facto lhes transmite, capacitando-os, a eles e a todos os crentes, para o amor obtido pelo perdão (cf. Jo 20, 22-23) – o amor fraterno que nos identifica como seus discípulos e nos une na sua Igreja (cf. Jo 13, 35; 17, 20-23).

Quer isto dizer que as *quatro horas da tarde*, em que os primeiros discípulos entraram na morada de Jesus, apontam possivelmente para a hora a seguir à da sua morte[16] – a hora em que do seu peito, trespassado pela lança do soldado, *saiu sangue e água* (Jo 19, 34), tradicionalmente relacionados com o Batismo e a Eucaristia, de que vive a Igreja. Daí a afirmação, com base nisso, de que a Igreja começou e cresceu “pelo sangue e pela água saídos do lado aberto de Jesus crucificado”[17]. De facto, é nela que Jesus Cristo vem ao nosso encontro, tal como João Batista no-lo apresenta: *Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo* (Jo 1, 29) – isto na Eucaristia, memorial do amor infinito manifestado na sua morte e ressurreição.

14. Por isso, é sobretudo aí, “no santo Sacrifício da Missa” e “principalmente sob as espécies eucarísticas”, que Ele está presente[18]. Mas, dentro ou fora da celebração eucarística, Ele “está presente na sua Igreja de múltiplos (outros) modos: na sua Palavra, na oração da Igreja, *onde dois ou três estão reunidos em meu nome* (Mt 18, 20), nos pobres, nos doentes, nos prisioneiros (cf. Mt 25, 31-46), nos seus sacramentos, dos quais é o autor (...) e na pessoa do ministro”[19].

Vejamos como, em alguns desses lugares, podemos encontrar-nos com Ele.

A palavra da Escritura

15. Que “todas as Escrituras (a Lei, os Profetas e os Salmos) se cumpriram em Cristo”[20], de tal modo que, como diz S. Jerónimo, “desconhecer as divinas Escrituras é desconhecer Cristo”[21], vê-se ainda, entre inumeráveis exemplos, na sua apresentação como *Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*. Tudo indica que se inspira no Cordeiro Pascal, do livro do Êxodo, e no Servo de Deus, do livro de Isaías: na cruz, Jesus foi realmente o Servo que *suportou as nossas enfermidades e tomou sobre si as nossas dores (...), como cordeiro levado ao matadouro* (Is 53, 4.7; cf. v. 11); e foi o Cordeiro Pascal do qual se diz: *nenhum osso lhe será quebrado* (Ex 12, 46 citado em Jo 19, 36). E na medida em que, *como nosso cordeiro pascal, foi imolado* (1 Cor 5, 7), assim nos libertou da escravidão do pecado e continua a libertar, designadamente pela **Sagrada Escritura que d’Ele fala e em que Ele nos fala**.

16. Esta é uma das características da Bíblia que, para nós crentes, a distingue de qualquer outro livro: “As Sagradas Escrituras contêm a Palavra de Deus e, por serem inspiradas, são verdadeiramente Palavra de Deus”. Ou ainda, pela mesma razão: “Nos Livros Sagrados, o Pai que está nos Céus vem carinhosamente ao encontro dos seus filhos, para conversar com eles”[22]. Isto é, ao lermos ou escutarmos os textos bíblicos, nesse preciso momento está Deus a falar-nos, o mesmo Deus que inspirou os autores humanos, fazendo suas – isto é, sagradas – as obras por eles escritas, e nelas se comunica. Daí a eficácia que o texto bíblico tem – desde que lido ou escutado “segundo o Espírito que habita na Igreja”,[23] o mesmo Espírito que o inspirou.

Para isso é necessário **cuidar do ambiente em que é feita a leitura**, sobretudo pela oração, como aliás acontece nas celebrações litúrgicas; ou nos encontros de catequese, por norma centrados num ou mais textos bíblicos; ou na *lectio divina* ou leitura orante, pessoal ou comunitária, especialmente propícia para “criar o encontro com Cristo, Palavra divina viva”[24]; ou em expressões de piedade popular, como a Via-Sacra e o Rosário, em que cada estação e cada mistério são introduzidos por uma leitura bíblica.

17. Com tudo isso nos congratulamos, mas é preciso mais. Uma regular leitura da Bíblia ainda não entrou nos hábitos de muitos cristãos, mesmo daqueles que, na catequese da infância, dedicaram todo um ano a conhecê-la.

Por isso assumimos o desejo do Papa Francisco expresso no final do Ano Santo da Misericórdia:

“Que cada comunidade pudesse, num domingo do Ano Litúrgico, renovar o compromisso em prol da difusão, conhecimento e aprofundamento da Sagrada Escritura: um domingo dedicado inteiramente à Palavra de Deus, para compreender a riqueza inesgotável que provém daquele diálogo constante de Deus com o seu povo”[25].

E sugerimos, como data, o domingo em que nas nossas comunidades cristãs se celebra a Festa da Palavra conclusiva do ano catequético dedicado à Sagrada Escritura (com o título: *Tens Palavras de Vida Eterna*, de Jo 6, 68). Para as crianças em festa será um meio de se sentirem ainda mais integradas na comunidade: na medida em que esta acolhe o seu testemunho evangelizador acerca da experiência que fizeram com a Palavra de Deus e, desse modo, as incentiva a continuarem a ler a Bíblia, dentro e fora da catequese. E isto integrado na celebração em que deve ser maior a comunhão da comunidade, porque proveniente do encontro pessoal de cada um com Jesus Cristo no sacramento em que é mais viva a sua presença.

A Eucaristia

18. Se falamos aqui apenas deste sacramento, é sobretudo por ele ser, segundo S. Tomás de Aquino, “o sacramento dos sacramentos”[26]. No II Concílio Ecuménico do Vaticano explicou-se porquê: por ser “fonte e cume de toda a vida cristã”[27]. Isto é, “todos os outros sacramentos (...), bem como todos os ministérios eclesiais e obras de apostolado estão unidos com a Eucaristia e a ela se ordenam”, já que “na Sagrada Eucaristia está contido todo o bem espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, nossa Páscoa”[28].

E a melhor expressão de “Cristo, nossa Páscoa” está no modo como nos é apresentado antes de o comungarmos: *Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*. São palavras que, como já vimos, resumem o **mistério pascal de Cristo**, em que Ele *consumou* a obra salvífica para a qual fora enviado pelo Pai (cf. Jo 19, 30). Baseando-se nas parábolas de Jesus sobre a misericórdia de Deus

(Lc 15), diz o Papa Bento XVI que “na sua morte na cruz, cumpre-se aquele virar-se de Deus contra si próprio, com o qual Ele se entrega para levantar o ser humano e salvá-lo – o amor na sua forma mais radical. No mistério pascal, realizou-se verdadeiramente a nossa libertação do mal e da morte”[29].

Mas aquelas palavras resumem também o mistério celebrado na Eucaristia, que Jesus instituiu na festa da Páscoa judaica, centrada no Cordeiro Pascal. Sobre isso diz ainda Bento XVI: “Jesus é o *verdadeiro* Cordeiro Pascal, que se ofereceu espontaneamente a si mesmo em sacrifício por nós, realizando assim a nova e eterna aliança. A Eucaristia contém nela esta novidade radical, que nos é oferecida em cada celebração”[30].

19. É este amor tão radical que, no seu memorial eucarístico, mais nos atrai, fascina e conquista. É então que olhamos *para Aquele que trespassaram* (Jo 19, 37), contemplando-O e adorando-O no amor em que todo Ele se nos dá, ao entregar o seu Corpo e derramar o seu Sangue por nós e por todos. Uma adoração silenciosa de que irrompe a exclamação de fé: “Anunciamos Senhor a vossa morte, proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!” Ou depois nos conduz ao “Ámen”, a expressão da fé com que, antes de O comungarmos, respondemos à apresentação do seu “Corpo” – o Corpo antes entregue por nós.

É neste sentido que deve entender-se a “**participação** plena, consciente e ativa” nas celebrações litúrgicas em que insiste o II Concílio Ecuménico do Vaticano[31]. E não – como por vezes se pensa, sobretudo tratando-se de crianças – no sentido de uma “mera atividade exterior durante a celebração”. Não: “A participação ativa desejada pelo Concílio deve ser entendida (...) a partir de uma maior consciência do mistério que é celebrado e da sua relação com a vida quotidiana”[32]. E de facto é isso que o Concílio recomenda: que os fiéis “sejam instruídos pela palavra de Deus, se alimentem à mesa do Corpo do Senhor, deem graças a Deus; oferecendo a hóstia imaculada, não só pelas mãos dos sacerdotes mas também em união com ele, aprendam a oferecer-se a si mesmos e, por Cristo Mediador, dia após dia, sejam consumados na unidade com Deus e entre si”[33].

20. Com isto já estamos a falar também das **repercussões e efeitos deste sacramento na nossa vida pessoal e comunitária**. Entre as que mais nos situam no encontro com Jesus Cristo, estão:

- No âmbito da relação entre a celebração eucarística e a adoração, pessoal ou comunitária, como “prolongamento visível da celebração eucarística, a qual, em si mesma, é o maior ato de adoração da Igreja”[34]. Alegria-nos que esteja a crescer o apreço por ela, inclusivamente da parte de crianças e jovens: apreço sobretudo pelo silêncio que, em alternância com a palavra, tão propício é para a intimidade do encontro com o Senhor.
- Em sentido intraeclesial, a construção da igreja: “Os que recebem a Eucaristia estão mais estreitamente unidos a Cristo. Por ela, Cristo une todos os fiéis num só Corpo: a Igreja” – cuja primeira finalidade é “ser sacramento da *união íntima do homem com Deus*”[35].
- Em perspectiva extraeclesial, a evangelização: “Com efeito, não podemos reservar para nós o amor que celebramos neste sacramento: por sua natureza, pede para ser comunicado a todos. Aquilo de que o mundo tem necessidade é do amor de Deus, é de encontrar Cristo e acreditar n’Ele”[36] – com a *fé que atua pela caridade* (Gal 5, 6).

A vivência da caridade

21. Segundo o Papa Bento XVI, a prática da caridade na igreja “pertence tanto à sua essência como o serviço dos sacramentos e o anúncio do evangelho.” Mais: “São deveres que se reclamam mutuamente, não podendo um ser separado dos outros”[37].

É que também **a caridade nasce e se nutre de Cristo**, do encontro pessoal com Ele, naquele supremo ato de doação em que se tornou o *Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*. E porque nos é assim apresentado na Eucaristia, por isso Ele aí nos arrasta e envolve “na dinâmica da sua doação”[38].

Uma doação que se exprime, já na celebração, pelo gesto da **paz**, mas que tem de alargar-se a toda a nossa vida. Daí que, a seguir a esse gesto, O invoquemos por três vezes com o mesmo título, pedindo-lhe que tenha piedade de nós e nos dê a paz – aquela paz que Ele prometeu na Última Ceia (cf. Jo 14, 27) e transmitiu depois de glorificado na tríplice saudação: *A paz esteja convosco!* (Jo 20, 19.21.26); uma paz diferente daquela que *dá o mundo* (Jo 14, 27), porque radicada no perdão e na reconciliação (cf. Jo 20, 23), impossíveis sem o poder do amor. E se, por isso, Cristo *é a nossa paz* (Ef 2, 14), podemos também dizer d’Ele o que proclamamos sobre Deus: onde há caridade verdadeira, aí habita Ele. Tanto mais que, como diz S. Agostinho, “se vês a caridade, vês a Trindade”[39].

22. Nesse sentido – àqueles que no juízo universal serão por Ele julgados – Ele próprio diz estar **presente nos carenciados** de alimento, habitação, vestuário, saúde, liberdade. De tal modo que o que *fizestes* (ou não) *a um dos meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes* (Mt 25, 40). São *pequeninos* porque carenciados de vida; e *irmãos* porque Ele tanto viveu para eles, que se tornaram membros da sua família, parte do seu ser. De modo semelhante diz Ele das crianças, com uma nos braços: *Quem receber uma destas crianças em meu nome é a Mim que recebe; e quem Me receber, não Me recebe a Mim mas Àquele que Me enviou* (Mc 9, 37). Trata-se de um amor universal e gratuito, próprio de um Deus que de todos é Pai e como tal *faz nascer o sol sobre bons e maus e chover sobre justos e injustos* (Mt 5, 45). E se há filhos que Ele mais ama, são os que mais precisam, como a ovelha perdida ou o filho pródigo (cf. Lc 15).

23. De modo semelhante Jesus se diz presente na sua Igreja: *Onde estão dois ou três reunidos em meu nome, eu estou no meio deles* (Mt 18, 20). Está no meio deles, por dois motivos: porque é Ele quem os une em **oração** (cf. Mt 18, 19), naquele “encontro da sede de Deus com a nossa. Deus tem sede de que nós tenhamos sede d’Ele”, como no encontro de Jesus com a mulher samaritana[40]. Daí que Ele esteja no meio de nós também pelo motivo da oração: o irmão que pecou e que, tendo rejeitado todas as tentativas humanas para se arrepender, se tornou como *um pagão e um publicano*, um estranho à Igreja (cf. Mt 18, 15-17); mas do qual ela não pode desligar-se, a exemplo de Jesus, especialmente *amigo de publicanos e pecadores* (Mt 11, 19), e sabendo, como Ele diz, que *tudo o que ligardes na terra será ligado no Céu* (Mt 18, 18) – designadamente pela oração.

Por tudo isso é em tais situações que Jesus está ainda mais presente na sua Igreja: quando, pela misericórdia e o perdão, o seu e nosso amor é maior na sua e nossa Igreja.

Uma catequese comunitária

24. Se “a finalidade última da catequese é pôr as pessoas não apenas em contacto, mas em comunhão, em intimidade, com Jesus Cristo”[41]; e se, como acabamos de ver, “o anúncio, a transmissão e a experiência vivida no Evangelho se realizam na Igreja” – então “**a comunidade**

cristã é a origem, o lugar e a meta da catequese”[42]. É nesse sentido que a catequese é comunitária: porque vive da comunidade e para a comunidade.

25. Que a catequese tem de **levar os catequizandos a integrarem-se na comunidade** cristã é a conclusão óbvia da reflexão anterior: é sobretudo lá, na Igreja, que podem encontrar-se com Jesus Cristo Senhor, presente ao vivo na Palavra, na Liturgia, em especial na Eucaristia e nos sacramentos, e na prática da caridade.

Mas, apesar de tão óbvio, infelizmente a realidade é ainda, em muitos casos, a oposta. Uma falha grave, que muito preocupa os responsáveis pela catequese nas nossas dioceses, segundo testemunhos deles recebidos. E com razão: está aí talvez a causa principal do referido abandono de crianças e jovens durante ou no final do percurso catequético.

Daí o nosso apelo a cada comunidade cristã, mormente na pessoa dos seus responsáveis, a que tudo faça para chamar e acolher, com a alegria e o afeto de mãe, os filhos que gerou pelo batismo e precisam de crescer à luz da Palavra, com a energia do Pão eucarístico e na alegria da caridade praticada e recebida, inserindo-os em correspondentes atividades.

Onde isso já se faz, é a própria comunidade a primeira a ganhar, a ser revitalizada: na quantidade dos seus membros – quantos pais e outros familiares têm (re)encontrado o caminho para a Igreja e para Deus, levados pelos filhos! – e na qualidade da sua vida cristã, fruto de uma fé mais esclarecida e convicta dos seus membros nos encontros de catequese. O que pressupõe a outra dimensão da catequese comunitária.

26. Que a **vida da comunidade entre e se reflita na catequese**: pela experiência e o testemunho de vida dos próprios catequizandos e catequistas; ou de outros cristãos comprometidos em atividades comunitárias de carácter missionário, litúrgico ou caritativo; ou ainda dos santos, especialmente os mais ligados à comunidade local. Em todos eles a mensagem cristã, porque encarnada na vida pessoal e comunitária, é sem dúvida muito mais atraente e convincente.

Pela importância da liturgia, merece, neste campo, especial relevância a **catequese mistagógica**, isto é, o conhecimento vivencial dos ritos e símbolos, do silêncio, da linguagem e do canto que, nas

celebrações, nos põem em contacto com o mistério da presença de Cristo. Que isso, segundo testemunhos recebidos das dioceses, esteja a ter entre nós uma crescente adesão, é mais um motivo para nos alegrarmos. É que, como escreveu Bento XVI, “por sua natureza a liturgia possui a eficácia pedagógica própria para introduzir os fiéis no conhecimento do mistério celebrado.” Um conhecimento em cujo itinerário entram, ainda segundo ele, três elementos: a “interpretação dos ritos à luz dos acontecimentos salvíficos”; a introdução “no sentido dos sinais contidos nos ritos”; e a indicação do “significado dos ritos para a vida cristã, em todas as suas dimensões”[43]. É um itinerário que atinge todo o nosso ser – cabeça, coração e mãos – como, segundo o Papa Francisco atrás citado, deve acontecer em todo o encontro com Jesus Cristo.

IV. MEDIADORES DO ENCONTRO

A comunidade

27. **27.** Ninguém que se tenha encontrado com Jesus Cristo, consegue passar sem O anunciar. Tornou-se uma necessidade, *uma obrigação que me foi imposta*, confessa S. Paulo, exclamando: *Ai de mim, se eu não evangelizar!* (1 Cor 9, 16). Tal como, séculos antes, confessava o profeta Jeremias em relação à palavra recebida de Deus: *Havia no meu coração um fogo ardente, comprimido dentro dos meus ossos. Procurava contê-lo, mas não podia* (Jer 20, 9).

O mesmo sucede com os primeiros discípulos que seguem Jesus, *o Cordeiro de Deus*, e com Ele passam a morar. Primeiro é André que, mal vê o irmão Simão Pedro, lhe anuncia: *Encontrámos o Messias*. Um dia depois é Filipe a dizer a Natanael: *Encontrámos Aquele de quem está escrito na Lei de Moisés e nos Profetas* (Jo 1, 41.45).

Ambos usam o verbo *encontrámos* no plural e no perfeito, um tempo verbal que, em grego, se refere a um acontecimento passado, mas que se repercute e mantém no presente. Isto é, ambos falam em nome dos outros discípulos que, como eles, continuam (a encontrar-se) com Jesus na sua morada, a sua Igreja.

28. De facto “**é sempre da comunidade cristã que nasce o anúncio do Evangelho**, que convida os homens e mulheres à conversão e a seguirem Cristo”[44]. Foi o caso de S. Paulo, na sua primeira viagem missionária, com S. Barnabé: tomada a decisão pela comunidade de Antioquia, de que faziam parte, foi dela que partiram, *depois de terem jejuado e orado* e lhes terem imposto as mãos (At 13, 3). E foi para lá que, no final, regressaram e à comunidade *contaram tudo o que Deus fizera com eles* (At 14, 27).

O mesmo acontece com a catequese, como aprofundamento do primeiro anúncio e “ação evangelizadora fundamental de cada Igreja particular” (a diocese). Toda ela “deve sentir-se responsável por este serviço”; porque “é ela que anuncia, que transmite o Evangelho, que celebra... Os agentes «servem» este ministério e agem «em nome da Igreja»”[45].

29. Repare-se como é de “**serviço**” e “**servir**” que se fala, isto é, da atitude e ação em que a prioridade absoluta é dada a quem envia – Jesus Cristo; àqueles a quem se é enviado – os catequizandos; e ao conteúdo da mensagem – o amor salvífico de Deus na morte e ressurreição de seu Filho.

Foi assim com S. Paulo, que renunciava até à remuneração a que tinha direito pelo trabalho missionário, *por causa do Evangelho, para me tornar participante dos seus bens* (1 Cor 9, 23), da sua gratuidade. É que também Cristo *não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de todos* (Mc 10, 45). E quem, fascinado por tão radical doação, a Ele se entrega pela fé, fica de tal modo possuído por Ele, que bem pode exclaimar como S. Paulo: *Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim* (Gal 2, 20); ou ainda: *O amor de Cristo me impele* (2 Cor 5, 15) – em tudo o que faço, designadamente como mediador do encontro com Ele, na catequese. Então sim: só Cristo nela “é ensinado” e “só Cristo ensina”[46]. Vejamos como isso se concretiza em alguns dos mediadores:

Os ministros ordenados

30. São eles: os bispos, como “primeiros responsáveis pela catequese, os catequistas por excelência”, nas suas dioceses; e os presbíteros e diáconos que, como seus “colaboradores imediatos”, nada devem descurar “em vista de uma atividade catequética bem estruturada e orientada”[47].

Além da preocupação prioritária pela catequese e dos deveres e iniciativas a isso inerentes[48], uma coisa devem, uns e outros, ter presente: a correlação complementar entre a missão de ensinar e as de santificar e governar. Todas elas concorrem, direta ou indiretamente, para o mesmo: levar ao encontro pessoal com Jesus Cristo. Só que, para isso, têm os próprios de deixar-se encontrar por Ele, serem simultaneamente mediadores e destinatários.

Por exemplo na homilia, particularmente realçada pelo Papa Francisco na Exortação Apostólica “A Alegria do Evangelho”, talvez por ser nela que eles, os ministros ordenados, mais e melhor podem exercer a missão de ensinar. Neste caso, com o objetivo de orientar “a assembleia, e também o pregador, para uma comunhão com Cristo na Eucaristia, que transforme a vida”[49]. Para isso exige-se uma adequada preparação, a partir dos textos bíblicos e neles centrada, os textos em que Deus fala primeiro aos próprios pregadores e depois aos destinatários da homilia, ambos nas situações concretas das suas vidas. Isto é, “quem quiser pregar, deve primeiro estar disposto a deixar-se tocar pela Palavra de Deus e encarná-la na sua vida concreta”. E isto, num clima de oração, a *lectio divina*, durante a qual “o pregador é um contemplativo da palavra e também um contemplativo do povo”[50]. Antecipa, em parte e pessoalmente, o que depois acontecerá na celebração.

Na prática, é o mesmo itinerário a seguir pelo catequista.

O catequista

31. O catequista é **figura chave na catequese**. E disso têm consciência os responsáveis diocesanos, pelos testemunhos e sugestões que nos transmitiram. O catequista é figura chave, desde logo por aquilo que ele é intrinsecamente: “um mediador que facilita a comunicação entre as pessoas e o mistério de Deus, dos sujeitos entre si e com a comunidade”[51]. É o rosto da comunidade, seu mediador e porta-voz, o que exige dele a devida integração, aceitação e credibilidade na comunidade. E torna-se, para os catequizandos, a referência concreta e próxima do Evangelho que lhes transmite, para os conduzir à comunhão e intimidade com Jesus Cristo.

Daí deriva, antes de mais, o seu **perfil**: mais do que um mestre que transmite saberes, deve considerar-se um guia espiritual que acompanha no caminho do Senhor. O que só é possível se ele próprio tiver experiência pessoal do encontro com Ele e conhecer o caminho a percorrer – o encontro do qual nasce também a sua *vocação*: é do “conhecimento amoroso de Cristo que brota o desejo de O anunciar, de «evangelizar» e levar os outros ao «sim» da fé em Jesus Cristo”[52].

32. E é ainda impelido pelo amor de Cristo que ele deseja e procura conhecê-lo mais e melhor, isto é, se fundamenta a sua **formação**, a que “a pastoral diocesana deve dar absoluta prioridade”[53]. Uma formação em que se inclua: “o *próprio ser* do catequista”, enquanto pessoa e cristão; “o *saber*” tanto da “mensagem que transmite” como do “destinatário que a recebe”; e “o *saber fazer*, já que a catequese é um ato de comunicação”[54]. Mas, tratando-se de uma comunicação amorosa, de comunhão, a estes saberes juntem-se mais dois: o *saber estar em*, isto é, na comunidade cristã, que representa, e partilhando com os outros catequistas o trabalho, se possível, em equipa orientada por um catequista coordenador; e o *saber estar com*, isto é, relacionado no dia a dia de catequista com os catequizandos, para que a mensagem seja compreensível e próxima, desejável e credível.

Inserida nestas dimensões e como seu esteio, está a **formação espiritual** do catequista, em que os contributos vindos das dioceses insistiram particularmente, apresentando mesmo várias propostas: que se proporcione aos catequistas uma experiência de primeiro anúncio, centrado no encontro pessoal com Cristo; se desperte neles o gosto pela *lectio divina*; e que já no curso de iniciação se inclua um discernimento sobre a própria vida e vocação, seguido de acompanhamento espiritual durante o estágio.

E tal formação não pode deixar de ser **permanente**: entre outros meios, pela assídua participação na vida litúrgica e de oração da comunidade e pela preparação dos encontros de catequese à maneira do que foi dito da preparação da homilia. “Cada tema catequético que o catequista transmite deve alimentar, em primeiro lugar, a própria fé. O catequista catequiza os outros catequizando-se primeiramente a si mesmo”[55]. Nesse sentido, siga o itinerário de preparação, proposto para cada encontro de catequese, como um caminho semanal de reflexão e crescimento na fé, de conversão permanente, e não apenas como um mero instrumento pedagógico.

33. E isso vai, de certeza, repercutir-se depois nos encontros de catequese e para além deles: nos encontros, que devem ser sempre encontros com Cristo, notar-se-á essa preparação, por exemplo, na dedicação afetuosa com que o catequista se relaciona com os catequizandos, respeitando-os na sua identidade e liberdade, escutando-os atenciosamente e, sobretudo, rezando realmente com eles; para além dos encontros, levá-lo-á a manter-se em contacto com eles, através nomeadamente dos meios de comunicação que a técnica hoje oferece, e a rezar diariamente por eles.

E então, sim: Cristo mostrar-se-á ao vivo na vida do catequista e a catequese prolonga-se por todos os dias da vida dos catequizandos, do mesmo modo como deve atingir a totalidade do seu ser. E nisto entra já um outro mediador imprescindível:

A família

34. A família é “**insubstituível**”[56] na catequese da infância e, ainda que de modo diferente, da adolescência; isto é, nas fases etárias em que os catequizandos mais dependem dos pais ou outros responsáveis pela sua educação. Ora, se o encontro com Cristo deve atingir a totalidade do ser humano, de modo algum se podem dispensar dele as pessoas que fazem parte da vida dos que com Ele se encontram.

E não há dúvida de que uma das maiores causas do abandono precoce de crianças e adolescentes está na falta de envolvimento dos pais e outros familiares na formação cristã que a comunidade oferece aos filhos. Como podemos querer que o filho reze diariamente e participe regularmente nos atos da vida da comunidade, especialmente na Eucaristia dominical, se o não vê fazer os pais, a que está particularmente ligado?

35. É verdade que os pais, ao pedir o batismo para os filhos (e ainda são a maioria entre nós), prometem, em público, educá-los cristãmente; uma educação que depende muitíssimo do exemplo de vida dos educadores. Só que, chegada a altura da catequese, não basta chamar-lhes a atenção para esse compromisso, querendo como que obrigá-los a uma prática de vida de que eles não sentem necessidade, a uma missão de que não estão convencidos. A fé e a conseqüente prática cristã

pressupõem a liberdade que radica no amor transmitido por Cristo aos que por Ele se deixam conquistar. Mas então que fazer para que isso aconteça com pais que (ainda) levam os filhos à catequese?

O caminho mais fácil e eficaz tem, a nosso ver, de partir daquilo, ou melhor, daqueles que são a razão de ser de qualquer pai ou mãe que se preze: os filhos, o amor que têm por eles e o bem que lhes querem. Na grande maioria dos casos é isso, aliás, que os leva a inseri-los na catequese: reconhecerem o bem que são para eles os valores que nela se transmitem e cuja aceitação o Evangelho facilita. E isto ainda mais num mundo como o nosso em que se sente cada vez mais a falta desses valores. Resumindo: hoje têm de ser **os filhos a levar os pais ao (re)encontro com Deus**, convencendo-os a participar em tudo o que faz parte da catequese que pedem para os filhos.

Aliás, isso já está a acontecer, embora, em geral, de modo ainda incipiente. Pelo que nos chegou das dioceses, tem crescido o número de pais que acompanham os filhos nas festas ao longo do seu percurso catequético. E dizem-nos que, em muitas comunidades, a preocupação de os preparar para uma participação ativa tem resultado. Há agora que aprofundar e alargar essa participação: aprofundá-la no campo espiritual, para que também os pais saboreiem o encontro pessoal com Jesus Cristo; e alargá-la, tanto quanto possível, aos encontros de catequese, informando os pais dos conteúdos doutrinários aí transmitidos e, principalmente, incentivando-os a viver, com os filhos, de acordo com esses conteúdos. Mas, até neste ponto, já existem entre nós experiências interessantes que veremos no próximo capítulo.

36. Antes disso, há que realçar as **vantagens desta inserção dos pais na catequese**. A primeira a ganhar é a própria família que se assim se torna mais “igreja doméstica”[57]. Impelidos pelo amor de Cristo, aumenta entre os seus membros a comunhão de que necessitam e que, na sociedade de hoje, está cada vez mais ameaçada. É o caso sobretudo da comunhão entre marido e esposa que o matrimónio abençoa e fortalece pelo amor com o qual *Cristo amou a sua Igreja e se entregou por ela* (Ef 5, 25). E, de facto, “o matrimónio cristão é um sinal que não só indica quanto Cristo amou a sua Igreja na Aliança selada na cruz, mas torna presente esse amor na comunhão dos esposos”[58]. E isto para benefício sobretudo dos filhos que precisam não só de que os pais os amem mas também de que se amem mutuamente, com o amor que lhes vem de Deus. Só assim estarão em condições de, com os pais, O amar e invocar como “Pai nosso que estais nos Céus”.

Mas este amor repercute-se muito para além deste âmbito familiar mais restrito. Repercute-se na comunidade cristã, onde, segundo os bispos italianos, “a forma particular de amizade que (as famílias) vivem pode tornar-se contagiosa”[59]. E pode, de modo semelhante, repercutir-se na sociedade, já que “é da família que saem os cidadãos e é na família que encontram a primeira escola daquelas virtudes sociais, que são a alma da vida e desenvolvimento da mesma sociedade”[60].

Outros mediadores

37. Tratando-se de crianças e jovens adolescentes em idade escolar, são, antes de mais, os **docentes de Educação Moral e Religiosa Católica**. Uma disciplina que, sem deixar “a sua característica peculiar”, visa, contudo e como a catequese, dar a conhecer “a pessoa de Jesus Cristo e a totalidade do anúncio salvífico por Ele proclamado.” Mais: para alunos não crentes, pode ser até “um anúncio missionário do Evangelho, em ordem a uma decisão de fé que a catequese, por seu lado, em contexto comunitário, fará depois crescer e amadurecer”[61].

Daí a necessidade de haver uma colaboração estreita entre responsáveis pelas comunidades cristãs dos alunos e seus docentes. E destes esperam-se: o exemplo de vida cristã; o empenhamento eclesial; e até a organização de atividades extraescolares, com o objetivo de possibilitar aos alunos um encontro pessoal com Jesus Cristo. O que, felizmente, já está a fazer-se entre nós, e com ótimos resultados.

38. Temos depois, dentro da Igreja, as múltiplas **associações, movimentos e grupos de fiéis**, uns mais antigos e outros de fundação mais recente, em que a mensagem cristã pode ser apresentada de modo sistemático ou pontual, como primeiro anúncio ou seu aprofundamento, insistindo uns mais na componente teórica e outros na prática.

São uma riqueza para a Igreja, que o Papa Bento XVI, na sua visita ao nosso País, mencionou no discurso que nos dirigiu, a nós bispos. Mas pediu-nos que vigiemos para que mormente os novos movimentos “queiram viver na Igreja comum, embora com espaços de algum modo reservados para a sua vida, de maneira que esta se torne depois fecunda para todos os outros”[62]. É que só na

comunhão podemos encontrar Jesus Cristo – a comunhão em que se respeite e acolha cada um na sua diversidade.

Nesse sentido, apoiamos duas preocupações manifestadas por responsáveis pela catequese nas nossas dioceses: a de unir os diferentes agentes da catequese nas paróquias, de modo a formarem grupos que sejam fermento a levedar a massa; e a de conjugar as várias mediações educativas que contribuem para a formação cristã – família, escola, movimentos educativos – já que somente em convergência e complementaridade terão a eficácia que cada uma, só por si, dificilmente alcançará.

V. DESTINATÁRIOS DO ENCONTRO

Crianças da primeira infância

39. Que Jesus quer encontrar-se com as crianças já na mais tenra idade, vê-se pelo episódio de **Mc 10, 13-16**. Contra os discípulos, reféns da mentalidade então dominante que via na infância somente uma etapa para a maturidade e a correspondente capacidade de produção, *Jesus, abraçando-as, começou a abençoá-las, impondo as mãos sobre elas* (v. 16). E antes apresenta-as mesmo como modelos de fé, pela sua natural dependência e facilidade de entrega aos outros: *Quem não acolher o reino de Deus como uma criança, não entrará nele* (v. 15).

É possível que este episódio seja um sinal de que o **batismo**, nos primeiros tempos da Igreja, já era concedido a crianças. É o seu primeiro encontro com Jesus, em que Ele as acolhe, chamando-as pelo nome, uma das manifestações do seu amor.

Geralmente são os pais a pedir o batismo. Acolhamo-los com a máxima cordialidade, felicitando-os até pela decisão. E mostremos-lhes, de modo idêntico, o bem que são, para os filhos que tanto amam, não apenas o batismo como também a subsequente e necessária educação cristã – nesta fase etária, uma educação através de imagens e símbolos cristãos que os filhos vão observando, designadamente em casa; através de explicações simples das festas cristãs em que participam; através de orações que

se vão habituando a dizer ao grande Amigo que é Jesus, a sua Mãe, ao Anjo da Guarda; através da presença regular nas celebrações comunitárias, incluindo a Eucaristia dominical, em que vão imitando o que veem fazer e dizer sobretudo aos pais e outros familiares. É uma **primeira iniciação cristã** que, “a maioria das vezes, deixa uma marca decisiva por toda a vida”[63].

40. Só que, no dizer do Papa Francisco, esta “transmissão da fé pressupõe que os pais vivam a experiência real de confiar em Deus, de O procurar, de precisar d’Ele”[64]. O que não acontece com muitos pais, preocupados (quase) só com a dimensão social do batismo. Mas convenhamos que até nisso manifestam amor pelos filhos. Apoiemo-nos nele, para tentar conquistá-los para uma adequada **preparação**, que não seja apenas de informação, mas também **de formação cristã** que inclua a oração, nomeadamente pelos filhos. E envolvamos nessa preparação também os padrinhos e, quando possível, os avós, sobretudo sendo crentes.

Neste âmbito, já existem, em algumas dioceses, Centros de Preparação para o Batismo. E o Secretariado Nacional da Educação Cristã disponibiliza um projeto de catequese para crianças da primeira infância, chamado “**Despertar Religioso**”. Segue, *grosso modo*, o método educativo atrás referido. E embora tenha sido pensado para jardins de infância, aí já com assinalável sucesso, pode ser usado também nas paróquias e em casa das crianças pelos pais ou outros familiares.

Crianças da infância

41. São as crianças que frequentam os **primeiros seis anos do percurso de catequese sistemática** proposto por nós e que, em geral, estão ainda profundamente dependentes da família.

Tendo presente a reflexão, feita atrás, sobre a família como mediadora do encontro destas crianças com Cristo, congratulamo-nos com as múltiplas iniciativas que, nesse sentido, têm sido tomadas entre nós: a Escola Paroquial de Pais, com, no mínimo, dois encontros por trimestre, para os informar e formar nos conteúdos transmitidos aos filhos; encontros de formação de pais paralelos aos da catequese dos filhos; colaboração dos pais nas sessões de catequese dos filhos, até como catequistas; catequese intergeracional; pais que se reúnem para rezar, refletir em comum e partilhar

saberes e experiências; contactos pessoais e regulares dos catequistas com os pais; envolvimento destes nas festas de catequese dos filhos, preparando-se doutrinal e vivencialmente.

42. Mas, de todas as iniciativas, a mais completa e eficaz parece-nos ser a chamada **Catequese Familiar**. Entre nós foi proposta pelo Secretariado Nacional da Educação Cristã vai para seis anos, está delineada e construída a partir dos materiais da catequese da infância (catecismos e guias) e contempla as exigências pedagógicas de uma tarefa desenvolvida em família, na família e com a família. Mas há muito é seguida em países da América Latina e da Europa. Caracteriza-se ainda por nela se envolverem simultaneamente a família e a paróquia.

Primeiramente a família, com pais e filhos na sua relação mútua. Os primeiros a catequizar os filhos são os pais, mas estes são, ao mesmo tempo, instruídos nos mesmos temas que transmitem aos filhos. Tanto aprendem os filhos dos pais, como estes dos filhos. Assim, com os filhos, os pais apercebem-se melhor de que também eles foram e continuam a ser carenciados e dependentes – um pressuposto fundamental para a fé em Deus e a missão de educador. Por sua vez é com os pais que os filhos mais facilmente crescem para o amor que deles recebem – o amor que tem a sua fonte última e principal em Deus.

E é nesta relação mútua que uns e outros se dirigem a Deus e a Jesus Cristo seu Filho, no qual todos nos tornamos filhos de Deus, e compreendem melhor o cerne da mensagem cristã. E esta, ao ser acolhida e vivida, fortalece os vínculos familiares e faz da família uma verdadeira Igreja doméstica, em que Jesus se pode encontrar, nomeadamente na oração em comum.

A inserção na vida paroquial é salvaguardada: pelos grupos que formam, entre si, tanto as crianças como os pais, uns e outros com encontros semanais; pelos catequistas que os orientam, como representantes da comunidade paroquial; pela participação semanal, de pais e filhos, na Eucaristia dominical – numa das quais, por mês, com intervenções relativas à sua caminhada catequética – e anual nas festas ao longo do percurso catequético. Uma participação que, deste modo, nem as férias interrompem nem terminará com as referidas festas. Aliás, foram muitos pais que, felizes com a experiência, pediram que o modelo se prolongasse até ao início da adolescência dos filhos.

43. É verdade que este modelo de catequese não é fácil de implementar. Entre os obstáculos encontrados, indicaram-nos: a dispersão dos pais por muitos compromissos e, por isso, sem tempo nem motivação para este envolvimento; a sua deficiente escolarização e as carências materiais e culturais a que algumas famílias estão sujeitas; a separação nas famílias, que pode impedir que ambos os pais participem nos encontros ou limitar os filhos a dois por mês; a falta de catequistas preparados, nomeadamente para liderar grupos de adultos, e de pastores sensíveis e disponíveis.

Mas não são obstáculos intransponíveis. A preparação e a sensibilização, com tempo e persistência, podem fazer-se. E que o modelo é tão adaptável como outros a todos os graus de cultura e a situações familiares menos habituais, mostra-o a experiência onde já é seguido tanto entre nós como em outros países. Finalmente, para convencer os pais há que abordá-los pessoalmente e começar por expor-lhes, não as dificuldades, mas as vantagens do modelo para eles e, sobretudo, para os filhos. *Tudo é possível a quem acredita*, diz Jesus ao pai de um surdo-mudo (Mc 9, 23) – e a todos os que com Ele se encontram para anunciar o seu Evangelho, impelidos pelo seu amor.

É isso que nos leva a apelar uma ainda maior implementação deste modelo nas nossas dioceses. O caminho já percorrido é suficiente para nos mostrar que é, dos modelos que conhecemos, o mais comunitário, o menos escolar e o mais adaptado a todas as crianças, incluindo as que são portadoras de deficiências e as que se preparam para o batismo pelo catecumenato.

Adolescentes e jovens

44. Ligamos a catequese dos adolescentes à dos jovens, e não à das crianças, porque a psicologia do adolescente o leva a aproximar-se principalmente dos que são mais velhos. É essa experiência que leva o Magistério da Igreja a “distinguir, na idade juvenil, a puberdade, a adolescência e a juventude,” e a lamentar não se ter “suficientemente em conta as dificuldades, as necessidades e os recursos humanos e espirituais dos pré-adolescentes, como se essa fase etária não fosse reconhecida”[65]. Como nos dizia o Papa, tentamos enfiar-lhes o vestido da Primeira Comunhão, quando este deixou de lhes servir. De facto, o que eles menos suportam é serem tratados como crianças.

45. Caracterizam-se, primeiramente, pela **busca de autonomia** e a conseqüente necessidade de serem pessoas livres e responsáveis. Tendem a deixar a tutela dos pais para criar amizade de

preferência com colegas da mesma faixa etária. É tal a necessidade do grupo que este chega a ser preferido à família.

Pois bem: faça-se do **grupo de catequese**, antes de mais, um grupo de amigos – para mais, unidos, não apenas por simples laços humanos, mas pelo amor de Deus revelado em Cristo, o mesmo que une os cristãos numa só Igreja. Se a dimensão eclesial do grupo é fundamental em todas as fases da catequese, é-o muito mais na adolescência.

Para isso, há que investir na formação da consciência de grupo: por exemplo, levando-os a identificar o grupo por um nome por eles escolhido (em vez do ano de catequese, que lembra logo o da escola); alargando o relacionamento entre os seus membros para lá do habitual encontro semanal; relacionando-o com outros grupos, em iniciativas comuns, e com a comunidade e a sociedade, através de serviços que lhes prestam, como grupo; e, já neste ponto, conjugando a aprendizagem de conteúdos com essas e outras atividades, de tal modo que, além da cabeça, entrem também as mãos e o coração na sua formação cristã.

46. Outra característica a respeitar neles é o **aumento da capacidade de raciocínio e do espírito crítico**. Dê-se-lhes então a oportunidade, mais do que nas fases anteriores do percurso catequético, de intervir ativamente na reflexão sobre os temas transmitidos, nas decisões a tomar em grupo e na avaliação de atividades realizadas. E preste-se atenção àqueles que manifestam qualidades de liderança, para se lhes dar a possibilidade de as desenvolverem no interior do grupo e de, na fase seguinte da catequese juvenil, poderem ser eles próprios a acompanhá-lo e orientá-lo.

Para isso, o catequista seja sobretudo um **animador** que, em vez de impor e comandar, propõe e orienta. Caminhe com eles, aproveitando os seus recursos, necessidades e sonhos. Seja, enfim, convicto nas ideias, firme nas decisões e sobretudo amigo, à maneira de Jesus Cristo de quem é testemunha.

47. É ainda nesta fase que se vai intensificando a questão da **vocação**. Se toda a catequese deve ser vocacional, nesta idade muito mais. E, tratando-se de cristãos, a questão não pode ser abordada nem resolvida sem Jesus Cristo.

Apresente-se-lhes então “Jesus Cristo como amigo, como guia, como modelo ideal capaz de provocar admiração e arrastar à imitação”, e o seu amor “como encarnação do único amor verdadeiro com possibilidade de unir entre si todos os homens”[66]. Se isto for sendo inserido em encontros com Ele, de reflexão e oração, surgirão, de modo explícito ou implícito, reações como a do apóstolo Paulo: *Que hei de fazer, Senhor?* (At 22, 10); ou do profeta Isaías: *Eis-me aqui: podeis enviar-me* (Is 6, 8); ou de Maria ao anjo Gabriel, para ser Mãe de Jesus: *Eis a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra* (Lc 1, 37); ou do próprio Cristo, ainda no seio do Pai e antes de encarnar: *Eis-me aqui: Eu venho para fazer a tua vontade* (Heb 10, 9). E, com Ele e n’Ele, toda a vocação se irá concretizar numa entrega de amor, como a sua.

48. O discernimento e amadurecimento prolongar-se-á depois pela **juventude** propriamente dita. Como de resto já acontece, ainda que não tanto quanto desejado. Se é verdade que muitos adolescentes deixam a Igreja depois de anos de catequese, também tem havido quem fique: jovens que, inseridos em grupos e movimentos ou comprometidos em atividades eclesiais, vivem a fé de modo exemplar e mexem com as comunidades de que fazem parte.

E mais serão, se a transição para a idade juvenil seguir o modelo indicado. Não é fácil dissolver-se um grupo unido por laços tão fortes como os da fé. Há só que continuar a alimentá-la, não apenas doutrinariamente como sobretudo com iniciativas a que os jovens de hoje em geral se mostram particularmente sensíveis: experiências de oração, de encontro pessoal com Cristo, até ao nível do primeiro anúncio; e entrega voluntária ao serviço de carenciados de bens tanto materiais, como morais e espirituais.

Adultos

49. Para S. João Paulo II, a catequese de adultos “é a **principal forma de catequese**, porque se dirige a pessoas que têm as maiores responsabilidades e capacidades para viverem a mensagem cristã na sua forma plenamente desenvolvida.” Deve ser “permanente”, mas adaptada ao nível de conhecimento e vivência da fé dos seus destinatários e das circunstâncias de vida em que se encontram, incluindo as da saúde e da idade[67].

Conscientes disso, publicámos em 1994 uma “Instrução Pastoral sobre a Formação Cristã de Base dos Adultos”[68], em que indicámos os vários níveis ou fases desta formação e insistimos na necessidade de uma visão de conjunto e atualizada da fé e seus elementos integrantes, inserida numa nova evangelização. São orientações que, porém, não têm obtido a adesão desejada, tanto na concretização como no grau de participação, onde a formação se tem realizado. Diz-se que por falta de motivação.

Talvez por isso tenham de ser precedidas de outras iniciativas, já adotadas entre nós, que apostam no **primeiro anúncio**, centrado no encontro pessoal com Jesus Cristo e, conseqüentemente, numa mais consciente inserção na vida das comunidades cristãs e num empenhamento missionário mais audaz e eficaz, dentro e fora da Igreja.

50. O mesmo se aplica às **múltiplas ações de formação** para a receção e o exercício de ministérios eclesiais (no ensino, na liturgia e na caridade), para a celebração de sacramentos (em especial, os da iniciação cristã e do matrimónio), para a vivência de tempos litúrgicos e de outras situações ou missões, como a da paternidade na educação dos filhos. A catequese familiar é um exemplo disso.

E tal como nela, há que partir para essas formações, tanto quanto possível, da **componente prática** que as motiva ou deve motivar. Quem não deseja ser verdadeiramente e para sempre feliz, na comunhão entre marido e esposa fundada no matrimónio? Ou saborear a alegria de se dar aos outros, colaborando no ensino catequético, em celebrações da liturgia ou na vivência da caridade? – Uma alegria cuja fonte última é Cristo.

VI. A ALEGRIA DO ENCONTRO

51. É, no fundo, a **mesma alegria das primeiras testemunhas da ressurreição**: a alegria, não apenas por Jesus voltar à vida, como principalmente por nisso se confirmar “tudo quanto (Ele) em pessoa fez e ensinou”; a alegria de perceberem que n’Ele se cumpriam as “promessas do Antigo Testamento”; a alegria, enfim, por Ele, com a “vitória sobre a morte e o pecado”, nos oferecer uma vida nova e ilimitada, ser “princípio e fonte da *nossa ressurreição futura*”[69].

Das testemunhas oculares, a que mais insiste neste último efeito é S. Paulo. Por exemplo em Rom 6, 8: *Se morremos com Cristo, acreditamos que também com Ele viveremos*; ou em 8, 11: *Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos habita em vós, Ele, que ressuscitou Cristo Jesus de entre os mortos, também dará vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós.*

Que notícia mais bela nos poderia ser dada?! – A nós que, como todo o ser humano, passamos toda uma vida a lutar, direta ou indiretamente e com todos os meios, contra a morte! Pois bem, desde que Cristo ressuscitou, deixou de ser uma luta inútil, previamente perdida. Conhecemos o caminho da vitória, o mesmo que Ele trilhou, e temos os meios para o percorrermos, os que Ele nos oferece sempre que vem ao nosso encontro e nós O acolhemos na nossa vida.

Mais: com isso, “de certo modo, nós já ressuscitámos com Cristo”[70], como diz ainda S. Paulo: *Sepultados com Cristo no batismo, também com Ele fostes ressuscitados pela fé que tendes no poder de Deus, que O ressuscitou dos mortos* (Col 2, 12). Trata-se da *fé que atua pelo amor* (Gal 5, 6), aquele que levou Cristo a vencer a morte e se apodera de quem com Ele se encontra. De tal modo que o que vimos sobre a fé se realiza também pelo amor: *Já passámos da morte para a vida, porque amamos os nossos irmãos* (1 Jo 3, 14).

É esta fé traduzida em amor que dá à nossa vida o “novo horizonte”, o “rumo decisivo” de que fala Bento XVI a propósito do encontro com Jesus Cristo. E é desta fé vivida no amor que Ele, Cristo, nos impele a sermos testemunhas. O que redobra a nossa alegria.

52. É de facto neste **amor** que, como diz o Papa Francisco, “está a fonte da ação evangelizadora. Porque – explica ele – se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros?”[71]

Tem, porém, de ser comunicado tal como é recebido: *Nisto conhecemos o amor: Ele (Jesus) deu a vida por nós e nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos. E por isso não amemos com palavras nem com a língua, mas com obras e em verdade* (1 Jo 3, 16.18).

Quantos mediadores de Cristo o são pelo testemunho deste amor! Entre eles, estão **catequistas** que se não limitam a anunciar Cristo por palavras, mas simultaneamente O mostram ao vivo, no modo responsável e dedicado, gratuito e alegre, com que o fazem e se entregam aos catequizandos. Para eles toda a nossa gratidão: pelo bem que assim fazem aos catequizandos e suas famílias, à

comunidade que representam, à Igreja e à sociedade em geral – um bem que acaba sempre por reverter em seu próprio bem.

É que “a vida alcança-se e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros”[72]. E haverá maior alegria do que a de ver a vida que recebemos a alargar-se à vida daqueles a quem nos damos e, por meio deles, a tantos, tantos outros, numa cadeia que não mais acaba?!

53. Foi certamente dessa alegria que comungou a **Virgem Santa Maria**, depois de totalmente se entregar ao Senhor, como sua escrava, para ser Mãe e Medianeira do Filho do Altíssimo: a alegria expressa no seu Magnificat, a que aqui nos associamos para, com ela, louvarmos o Senhor pelas graças que tem concedido à Igreja e ao mundo, nomeadamente nos cem anos desde as suas aparições em Fátima.

Fazemo-lo também na esperança de que a mensagem, que ela então nos deixou e cuja atualidade recentemente realçámos, contribua de facto para “a revitalização da nossa fé e do nosso compromisso evangelizador”[73], a mesma revitalização que tanto desejamos para a catequese nas nossas dioceses.

Lisboa, 13 de maio de 2017

[1] Bento XVI, *Discurso aos Bispos de Portugal* (Roma, 10.11.2007), in *Lumen*, III, 68 (2007, 6) 20.

[2] Papa Francisco, Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, 3. Acerca do carácter programático da Exortação Apostólica vejam-se os n. 1 e 25.

[3] Papa Francisco, Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, 266.

[4] Papa Francisco, *Discurso do Papa aos Bispos Portugueses em visita “ad Limina Apostolorum”*, in *Lumen*, III, 76 (2015, 5) 3-6. São do Santo Padre todas as citações que se seguem, até que outra fonte seja indicada (os negritos são nossos).

[5] Papa Francisco, Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, 70.

[6] Cf. Papa Francisco, Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*: título e conteúdo dos n. 262-283.

[7] Bento XVI, *Homilia durante a Santa Missa de abertura do Ano da Fé*, in AAS 104 (2012) 881 (citada pelo Papa Francisco na Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, 86). Sobre esta sede de Deus vejam-se ainda os n. 71, 89 e 123.

[8] *Catecismo da Igreja Católica*, 639.

[9] *Catecismo da Igreja Católica*, 640, com alusões a Jo 20, 13 e Mt 28, 11-15 acerca do possível roubo do corpo de Jesus.

[10] *Catecismo da Igreja Católica*, 642 (o negrito é nosso).

[11] Bento XVI, *Homilia da Missa de Marienfeld. XX Jornada Mundial da Juventude*, in *Lumen*, III, 66 (2005, 5) 27.

[12] Papa Francisco, Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*: parte do título dos n. 163-168.

[13] Papa Francisco, Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, 163.

[14] Papa Francisco, Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, 164.

[15] Papa Francisco, *Entrevista à Radio Renascença*, in Aura Miguel, *Conversas em Altos Voos*, 93.

[16] Pelas três da tarde, segundo Mt 27, 46; Mc 15, 35; Lc 23, 44.

[17] Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição Dogmática A Santa Igreja*, 3.

[18] Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição sobre a Sagrada Liturgia*, 7.

[19] *Catecismo da Igreja Católica*, 1373.

[20] *Catecismo da Igreja Católica*, 2763, com uma alusão a Lc 24, 44.

[21] Jerónimo, *Comentário a Isaías*, prólogo, PL 24, 17 (citado em Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina*, 25).

[22] Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina*, 21.

- [23] Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 127.
- [24] Bento XVI, Exortação Apostólica *A Palavra de Deus*, 87.
- [25] Papa Francisco, Carta Apostólica no termo do Jubileu Extraordinário da Misericórdia *Misericordia et Misera*, 7.
- [26] Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, 3, q. 65, a. 3 (citado no *Catecismo da Igreja Católica*, 1211).
- [27] Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição Dogmática A Santa Igreja*, 11.
- [28] Concílio Ecuménico Vaticano II, *Decreto sobre o Ministério e Vida dos Sacerdotes*, 5.
- [29] Bento XVI, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramento da Caridade*, 9.
- [30] Bento XVI, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramento da Caridade*, 9.
- [31] Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição sobre a Sagrada Liturgia*, 14 (o negrito é nosso).
- [32] Bento XVI, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramento da Caridade*, 52.
- [33] Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição sobre a Sagrada Liturgia*, 48.
- [34] Bento XVI, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramento da Caridade*, 66.
- [35] *Catecismo da Igreja Católica*, 1396.775.
- [36] Bento XVI, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramento da Caridade*, 84.
- [37] Bento XVI, Encíclica *Deus é Amor*, 22.25.
- [38] Bento XVI, Encíclica *Deus é Amor*, 13.
- [39] Agostinho, *Acerca da Trindade*, VIII, 8, 12 (citado em Bento XVI, Encíclica *Deus é Amor*, 19).
- [40] *Catecismo da Igreja Católica*, 2560 (acerca de Jo 4, 10).
- [41] João Paulo II, Exortação Apostólica *Catequese para Hoje*, 7.

- [42] Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 217.254 (o negrito é nosso).
- [43] Bento XVI, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramento da Caridade*, 64.
- [44] Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 254 (o negrito é nosso).
- [45] Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 218-219 (incluindo a nota 13).
- [46] João Paulo II, Exortação Apostólica *Catequese para Hoje*, 6: acerca do coração da catequese.
- [47] João Paulo II, Exortação Apostólica *Catequese para Hoje*, 63-64.
- [48] Veja-se o seu elenco em Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 222-227.
- [49] Papa Francisco, Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, 138.
- [50] Papa Francisco, Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, 150.154.
- [51] Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 156.
- [52] *Catecismo da Igreja Católica*, 429.
- [53] Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 234.
- [54] Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 238.
- [55] Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 239.
- [56] João Paulo II, Exortação Apostólica *Catequese para Hoje*, 68 (o negrito é nosso).
- [57] Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição Dogmática A Santa Igreja*, 11.
- [58] Papa Francisco, Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, 73.
- [59] Conferência Episcopal Italiana. Comissão Episcopal para a Família e a Vida, *Orientações pastorais acerca da preparação para o Matrimónio e Família*, 1 (citação do Papa Francisco na Exortação Apostólica *A Alegria do Amor*, 207).
- [60] João Paulo II, Exortação Apostólica *A Família Cristã*, 42.

- [61] Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 73-75.
- [62] Bento XVI, *A Responsabilidade da autoridade é um serviço ao crescimento dos outros. Discurso no encontro com os Bispos de Portugal (Fátima, 13.05.2010)*, in *Lumen*, III, 71 (2010, 3) 54.
- [63] Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 226.
- [64] Papa Francisco, Exortação Apostólica *A Alegria do Amor*, 287.
- [65] Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 181.
- [66] João Paulo II, Exortação Apostólica *Catequese para Hoje*, 38.
- [67] João Paulo II, Exortação Apostólica *Catequese para Hoje*, 43 (o negrito é nosso). Cf. também 44-45.
- [68] Conferência Episcopal Portuguesa, *Instrução Pastoral sobre a formação cristã de base dos adultos*, in *Documentos Pastorais. 1991-1995*, IV, 261-277.
- [69] *Catecismo da Igreja Católica*, 651.652.654.655: sobre o sentido e alcance salvífico da ressurreição.
- [70] *Catecismo da Igreja Católica*, 1002.
- [71] Papa Francisco, Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, 8.
- [72] V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, *Documento de Aparecida* (29.06.2007) (citado pelo Papa Francisco na Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, 10).
- [73] Palavras iniciais da Carta Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa no Centenário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima, *Fátima, Sinal de Esperança para o Nosso Tempo*, in *Lumen*, III, 78 (2017, 1) 10-19.